

## Evolução Histórica do Tratamento do Número Gramatical e da Concordância de Número na Linguística Gerativa

José Ferrari Neto  
Doutor em Estudos da Linguagem (PUC/RJ)  
Professor Adjunto de Linguística da  
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

### *Resumo:*

*Os diversos tratamentos teóricos que a noção de número gramatical recebeu na Linguística Gerativa, desde o Modelo Padrão de 1965 até as formulações mais atuais do Minimalismo são mostrados. Discute também os formalismos dedicados à descrição do mecanismo de concordância gramatical de número. O objetivo é mostrar uma visão de conjunto dos vários momentos por que passou o gerativismo, bem como explicitar como os modelos gerativistas evoluíram no tratamento de algumas questões centrais da teoria linguística.*

*Palavras-Chave: número gramatical, concordância, gramática gerativa.*

### *Abstract:*

*The different theoretical treatments that the concept of grammatical number received in Generative Linguistics from the Standard Model of 1965 until the most current formulations of Minimalism are presented. It discusses also the formal descriptions of the mechanism of grammatical number agreement. The aim is to show an overview of the various points that passed the gerativism and explain how the generative models developed for the treatment of some central questions of linguistic theory.*

*Keywords: grammatical number, agreement. Generative grammar.*

### 1. Introdução:

A concepção do número como um traço formal de concordância (um traço  $\phi$ , como o de gênero e o de pessoa) tem permanecido de certa forma constante nos diversos desdobramentos da teoria linguística. O que tem variado é o modo como seu valor é especificado: Chomsky (1981) situou o traço de número na entrada lexical dos nomes, adjetivos e determinantes, sendo o valor deste traço atribuído por categorias funcionais Agr (de *Agreement*) através de operações de movimento. Modernamente, foram apresentadas propostas que concebem o número como uma projeção da categoria funcional NumP (PICALLO, 1991; RITTER, 1993; BERNSTEIN, 1993; CARSTENS, 2000).

Por outro lado, a maneira como os mecanismos de concordância foram concebidos apresentou mudanças acentuadas no curso do desenvolvimento da teoria gerativa. Da concepção proposta pelo modelo padrão (CHOMSKY, 1965) até as formulações mais

recentes constantes no Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995) podem ser apontadas alterações consideráveis. Isto abrange tanto a concordância no IP quanto a do DP.

O objetivo deste trabalho é traçar um quadro histórico destas modificações, de maneira a permitir uma visão de conjunto do tratamento dado ao número e à concordância pela teoria linguística. Serão apresentadas e discutidas as diferentes concepções propostas, de maneira a destacar as razões que acarretaram a passagem de um modelo para outro. Com isso, pretende-se determinar que proposta melhor permitiria descrever fatos linguísticos, assim como possibilitaria a formulação de hipóteses sobre o modo como o sistema de número gramatical é processado e adquirido.

## 2. O Modelo Padrão (CHOMSKY, 1965)

O Modelo Padrão da teoria gerativa era em essência concebido como um sistema de regras, as quais podiam ser ou sintagmáticas ou transformacionais. O formato dado a estas regras era altamente flexível, possibilitando a formulação de regras capazes de descrever qualquer fenômeno linguístico observável. As regras eram organizadas em componentes, sendo as regras sintagmáticas responsáveis pela geração da “estrutura profunda” das sentenças, ao passo que as regras transformacionais geravam a “estrutura de superfície, após atuarem sobre a “estrutura profunda”.

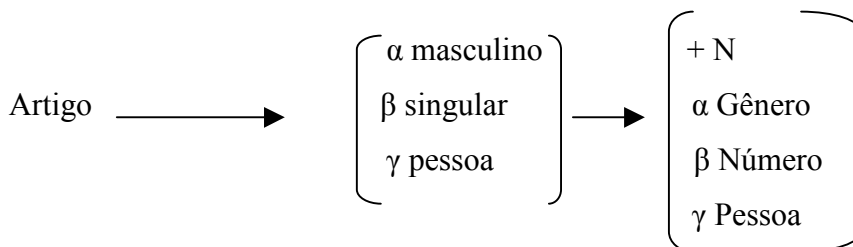
Ora, um sistema flexional concebido com base neste modelo não poderia escapar de ser um sistema formado predominantemente por regras, e é isso em verdade o que se dá com o sistema flexional do modelo padrão. Concebido como um conjunto de regras transformacionais que atuavam sobre traços sintáticos (traços de gênero, número e pessoa, os quais mais tarde seriam chamados de traços- $\phi$ ), ao sistema flexional cabia reconhecer os traços sintáticos constantes na matriz de traços relativa aos nomes inseridos nos indicadores sintagmáticos. Postulava-se que estes nomes já eram inseridos com esta matriz de traços, através de regras sintagmáticas, devendo uma regra transformacional distribuir estes traços pelos adjetivos e pelos verbos. Uma matriz de traços típica de um item lexical nominal seria:

$$\left( \begin{array}{l} /ka'za/ \\ \alpha \text{ masculino} \\ \beta \text{ número} \\ \gamma \text{ pessoa} \\ + N \end{array} \right)$$

na qual  $\alpha$ ,  $\beta$  e  $\gamma$  correspondem aos valores que os traços podem assumir. Chomsky (1965) chama a atenção para o fato de que as especificações dos traços categoriais e dos traços de gênero são inerentes ao nome, fazendo parte de sua entrada lexical, ao passo que as especificações dos traços de número e de caso são introduzidas por regras gramaticais, antecipando assim as noções de traço intrínseco e de traço opcional que seriam abordadas nas versões subsequentes da teoria.

Após o reconhecimento dos valores desta matriz, regras fonológicas interpretativas operariam sobre ela, produzindo então uma matriz fonética na qual os valores dos traços receberiam uma representação morfofonológica.

No que toca à concordância, o sistema operaria de modo a atribuir aos verbos e aos adjetivos (além de artigos, quantificadores, etc.) os valores dos traços especificados nos nomes inseridos nos indicadores sintagmáticos. Chomsky postulou que a gramática deveria conter regras transformacionais de concordância que atribuiriam aos termos diretamente ligados ao nome todas as especificações de traços por este apresentadas. Uma tal regra poderia ser descrita da seguinte forma:



Esta regra poderia ser interpretada como afirmando que o artigo concorda com o nome em gênero, número e caso, ou, em outros termos, que o nome atribui ao artigo os seus valores dos traços de gênero, número e caso. Após a aplicação desta regra, regras fonológicas traduziriam o valor destes traços em expressões morfofonológicas.

Em resumo, pode-se afirmar que, com base no modelo padrão da teoria gerativa, processos flexionais podem ser entendidos como aplicação de regras transformacionais sobre traços sintáticos de itens lexicais. A concordância é também concebida de modo semelhante, sendo resultado da atribuição dos traços especificados para o nome aos verbos, adjetivos, artigos, etc. Certos traços são inerentes aos itens lexicais, como o de gênero ou o categorial, tendo o seu valor já especificado na entrada lexical; outros, ao contrário, tem o seu valor

determinado somente quando inseridos em um indicador sintagmático, como é o caso dos traços de número e de caso.

Para os fins que nos interessam aqui, cumpre dizer que o modelo padrão apresenta em germe tópicos que receberiam tratamento mais aprofundado nas versões seguintes da teoria, no que diz respeito a número gramatical e a processos de concordância. Este aprofundamento assentou-se fundamentalmente sobre conceitos definidos já desde o modelo de 1965. Um exemplo seria o conceito de número como traço sintático, o qual tem permanecido praticamente intocado em todas as versões da teoria gerativa propostas por Chomsky. Também a natureza opcional deste traço já aparece esboçada no modelo padrão, ainda que sem as denominações intrínseco/opcional, as quais seriam estabelecidas posteriormente. Um ponto interessante é o fato de valores dos traços de número poderem ser determinados nos indicadores sintagmáticos, fato este que abre caminho para a postulação de projeções sintáticas responsáveis pela atribuição do valor do traço de número a um item lexical.

Neste primeiro momento da teoria gerativa, os desenvolvimentos incidiram predominantemente sobre a descrição de estruturas sintáticas, notadamente as construções passivas e relativas. Discussões a respeito da interpretação semântica de sequências geradas nas estruturas profunda e de superfície também tiveram acentuado destaque<sup>1</sup>. Isto acarretou uma certa despreocupação com o desenvolvimento de questões relativas a número e concordância gramaticais, as quais só seriam retomadas anos mais tarde. Na primeira versão da teoria gerativa surgida após o modelo inicial, a grande preocupação era a redução da capacidade descritiva e do poder expressivo do modelo, assim como um aumento de sua capacidade explicativa. Este segundo modelo recebeu o nome de Teoria Padrão Estendida e, segundo a sua concepção, a gramática apresenta componentes distintos e autônomos, cada qual com uma organização particular de regras e princípios. Data deste modelo a descrição da estrutura das sentenças baseada nos princípios da Teoria X-Barra. Contudo, o desenvolvimento de questões concernentes a número e a processos flexionais de concordância só se apresentaria de modo mais robusto e encorpado em um modelo posterior ao Modelo Padrão Estendido, o Modelo de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981), o qual será apresentado a seguir.

---

<sup>1</sup> Surgimento da Semântica Gerativa e da Semântica Interpretativa (cf. LOBATO, 1986).

### 3. O Modelo de Princípios e Parâmetros

O Modelo de Princípios e Parâmetros foi proposto por Chomsky em 1981. Segundo esta versão, a Faculdade da Linguagem é formada por princípios fixos e rígidos, os quais deverão estar presentes na gramática de todas as línguas; e por uma série de parâmetros, cujo valor definitivo é fixado durante o processo de aquisição da linguagem. Uma língua, segundo este modelo, nada mais é do que um conjunto de parâmetros ativados de uma certa forma, conjunto este regido por um leque de princípios invariáveis.

A novidade trazida pelo modelo de Princípios e Parâmetros (doravante P&P) no que diz respeito à concordância é o estatuto autônomo que é conferido à flexão verbal, por meio da criação da categoria funcional Infl (do inglês “inflection”, flexão)<sup>2</sup>. Esta categoria continha as marcas de tempo e de concordância [ $\alpha$ T,  $\beta$ Agr] onde T é Tempo e Agr é a indicação de número e pessoa. Infl representa na estrutura da sentença as marcas flexionais de tempo e concordância morfofonologicamente realizadas. Note-se que o número gramatical continua a ser tratado, no modelo P&P, como uma marca (traço) formal, à semelhança dos modelos anteriores, diferindo deles na medida em que agora faz parte, pelo menos ao que se refere ao número gramatical expresso no domínio verbal, da categoria sintática autônoma Infl, constituindo o grupo de traços sintáticos Agr constantes em Infl.

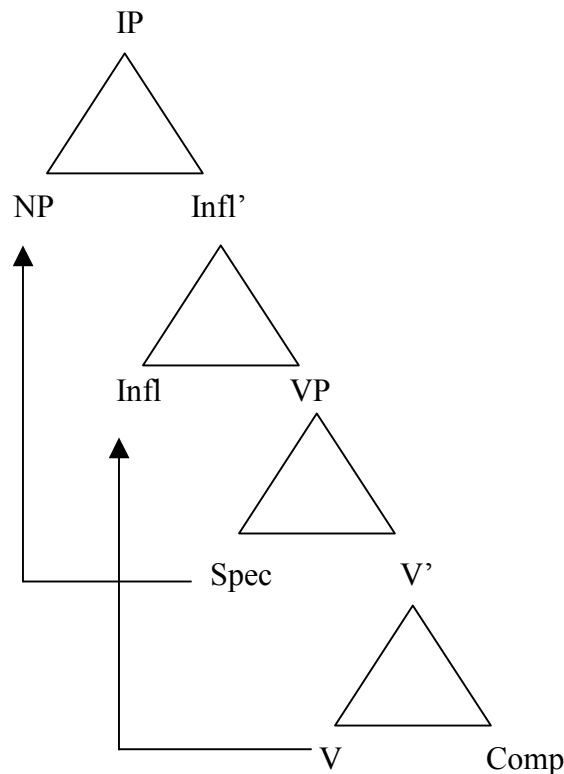
É de se reparar que o número gramatical e a concordância de número, da maneira como mostrada parcialmente acima, concerne apenas à flexão verbal, deixando-se de lado a concordância entre o nome e seus determinantes. Pode-se afirmar que, para o caso dos nomes, a concepção de número do modelo P&P ainda é a mesma que a sugerida nos modelos iniciais: um traço formal constante da entrada lexical dos nomes. Na realidade, a concordância nominal só mereceria algum destaque a partir das propostas de Abney (1987) sobre a estrutura do DP (Determiner Phrase). Estes tratamentos serão discutidos mais adiante.

O Modelo P&P trouxe significativos desenvolvimentos para a Teoria X-Barra. Um destes desenvolvimentos, importante para o estudo aqui em questão, foi a proposta de que a categoria Infl projeta núcleos sintáticos de acordo com os princípios X-Barra. Assim, a primeira projeção de Infl (Infl') abarcaria Infl e o VP da oração, na posição de complemento

---

<sup>2</sup> No Modelo Padrão e no Modelo Padrão Estendido, Infl corresponde ao constituinte Aux, o qual continha os verbos auxiliares modais (can, must, will, etc.) presentes no inglês (cf. RAPOSO, 1999).

de Infl, enquanto que a projeção máxima de Infl (Infl'' ou IP) conteria Infl' e o NP sujeito da oração na posição de especificador de Infl'. O esquema a seguir ilustra a configuração de IP:



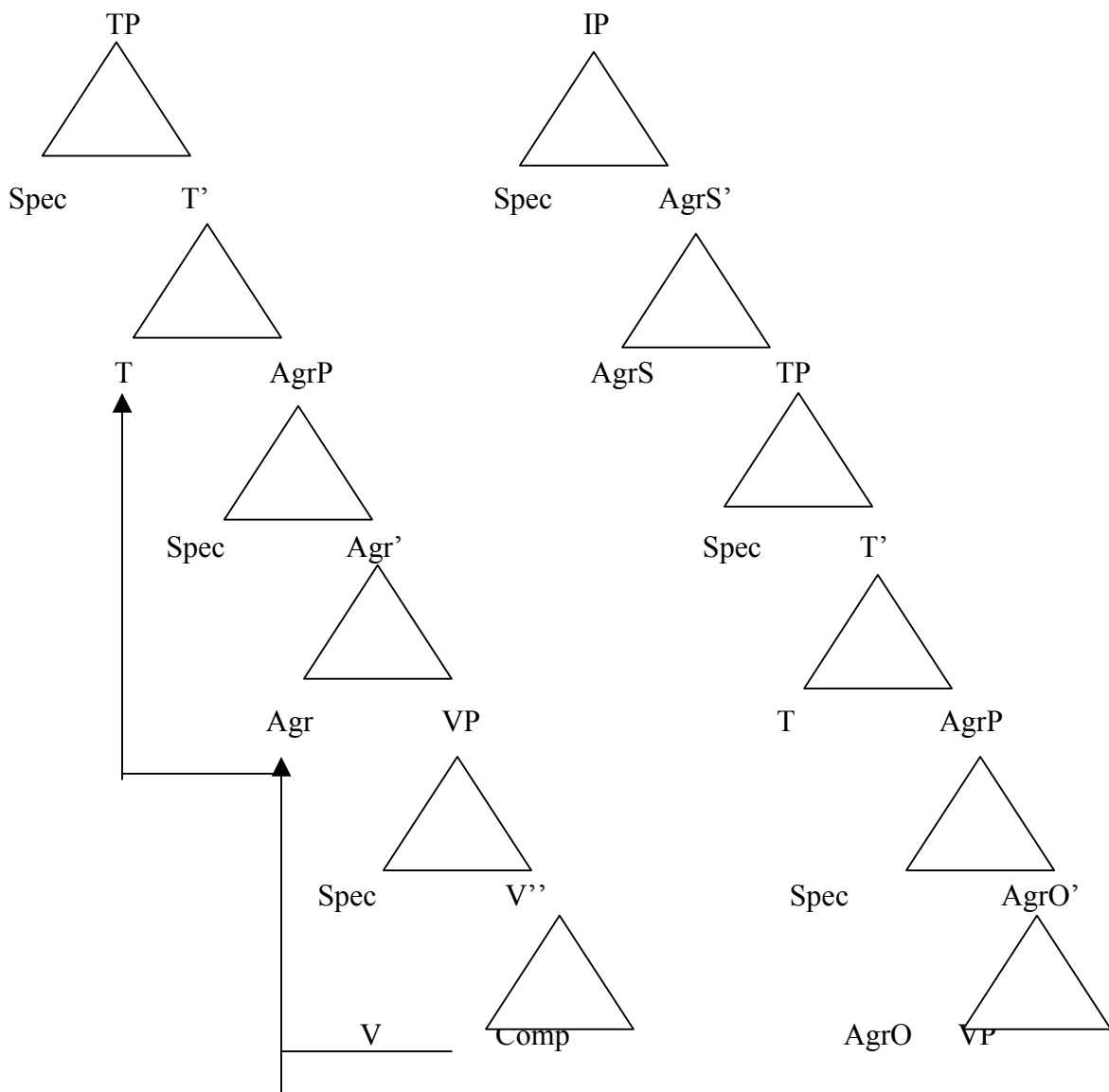
Para que a concordância se efetue, é necessário que V seja alçado até Infl, para que receba a flexão correspondente aos traços [ $\alpha$ T,  $\beta$ Agr]. Uma operação de movimento seria a responsável por esse alçamento. Estes traços posteriormente seriam lidos na interface como ordem para expressão morfofonológica.

O estatuto de Infl, contendo os elementos T e Agr, recebeu posteriormente críticas por parte de teóricos gerativos. Essas críticas concentravam-se no fato de não se saber claramente quem de fato projetava, se T ou Agr. Comparando-se Infl com outras categorias funcionais, constatava-se que Infl possuía uma certa singularidade, haja vista que todos os níveis funcionais eram homogêneos, isto é, pertenciam a uma classe sintática e semanticamente bem definida.

Visando superar esta questão, Pollock (1989), baseado em estudos sobre o francês e sobre o alemão, propôs uma “cisão” do IP, dividindo-o em núcleos autônomos T e Agr, os quais projetariam os níveis TP e AgrP, respectivamente. AgrP seria responsável pela projeção dos traços de número e pessoa, e TP pela projeção dos traços de tempo. A concordância se

efetuará com o movimento do verbo para cada um destes núcleos, sucessivamente, onde receberia a flexão correspondente a estes traços<sup>3</sup>:

A fim de dar conta do fato de que algumas línguas apresentam concordância não apenas entre sujeito e verbo, mas também entre verbo e objeto, Chomsky (1995) propôs uma distinção entre AgrS, responsável pela concordância entre sujeito e verbo, e AgrO, responsável pela concordância entre verbo e objeto. Os esquemas abaixo representam as propostas de Pollock e Chomsky:



<sup>3</sup> A proposta de Pollock suscitou questões teóricas importantes. A esse respeito, ver Raposo (1999) e Name (2002).

A despeito das várias propostas de formalização acima apresentadas, pode-se dizer que o mecanismo da concordância se manteve estável durante os desenvolvimentos do modelo P&P, assim como também o foi a natureza do número gramatical. No que tange à concordância, é lícito afirmar que ela é o resultado da aplicação de operações de movimento de núcleos lexicais (neste caso o V) através de núcleos funcionais distintos. Já no que concerne ao número, este permaneceu como um traço formal presente na entrada lexical dos itens lexicais, tendo o seu valor atribuído por núcleos funcionais diferentes (Infl ou Agr) no curso da derivação. Posteriormente, essa visão da concordância como movimento de núcleos lexicais, inicialmente estudada no âmbito da flexão verbal, foi aplicada à descrição da flexão nominal, a partir dos trabalhos de Abney (1987), sobre a estrutura do DP<sup>4</sup>. O passo seguinte deste trabalho é, portanto, estudar a concordância no DP.

#### 4. A Concordância no DP

Os primeiros trabalhos a estudarem a concordância nominal (aquela que se manifesta entre os elementos que formam o DP) concentraram-se na busca de uma explicação da manifestação de gênero e número no nome, e não exatamente em descrever a concordância entre nome e determinante (Name, 2002). De um modo geral, pode-se dizer que a descrição do mecanismo de concordância nominal feita nos primeiros momentos obedeceu aos mesmos princípios que nortearam a descrição da concordância verbal. Desta forma, também a concordância nominal passou a ser entendida como o resultado de operações de movimento de núcleos lexicais para núcleos funcionais, onde receberiam a flexão correspondente aos traços de gênero e número. A estrutura do DP assumida por estes trabalhos pressupunha a existência de núcleos sintáticos responsáveis pela atribuição de valores de traços de gênero e número dentro do DP. Estes núcleos seriam projeções dos traços de gênero e número, constituindo assim as categorias funcionais GenP e NumP.

Aqui se marca um momento de diferenciação entre os desenvolvimentos anteriores da teoria gerativa e os que seriam propostos a partir de então, no que diz respeito à caracterização do número gramatical. O número passa a ser visto não só como um traço formal mas também como uma categoria funcional produto de projeção sintática. Note-se, entretanto, que este desenvolvimento deveu-se menos a Chomsky (que continuou a conceber

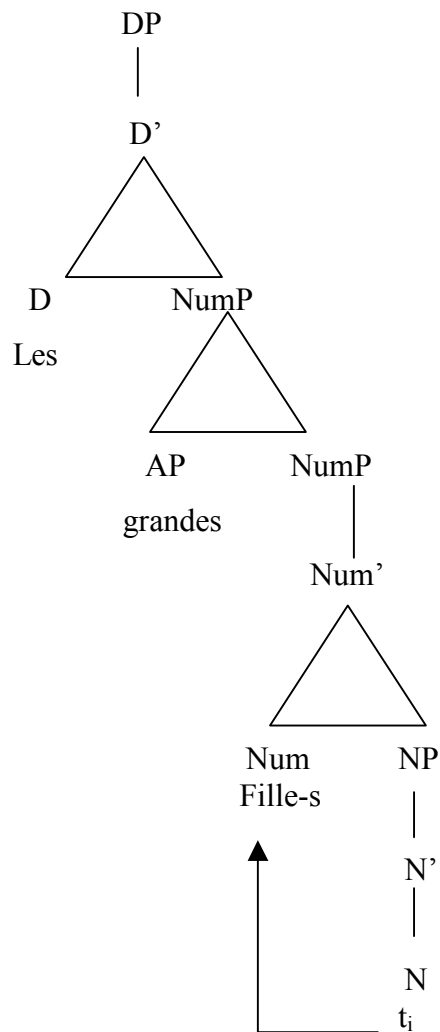
---

<sup>4</sup> DP (determiner phrase). Abney (1987) sugere que a categoria funcional D também projeta níveis X'' através da combinação da projeção X' com um especificador. Segundo esta hipótese, os NPs seriam de fato DPs, projeções da categoria D e não da categoria N. O papel de NP seria o de complemento de D.



o número apenas como traço que não se projeta na sintaxe) e mais a outros desenvolvedores do modelo gerativo, os quais expandiram os mecanismos de concordância.

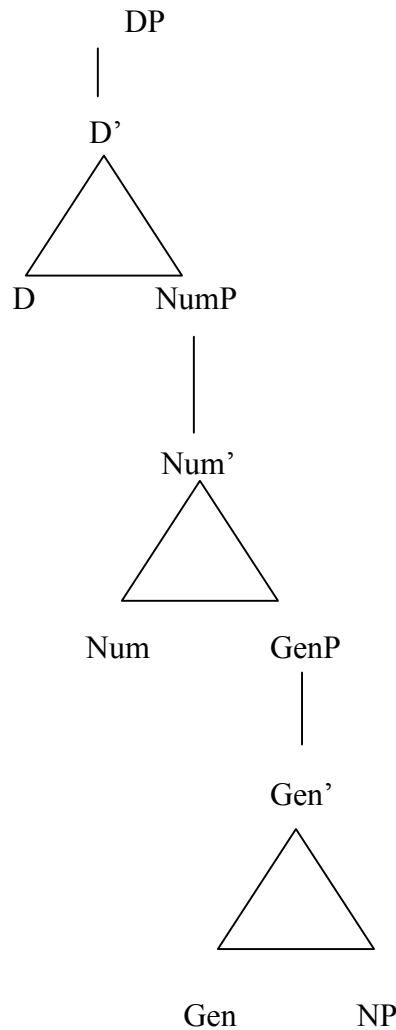
Um dos primeiros trabalhos a seguir esta tendência foi o de Bernstein (1991), baseado em dados do francês e do valão (língua típica da Bélgica, ao lado do flamenco e do próprio francês). Estudando basicamente a manifestação da concordância entre adjetivo e nome nestas duas línguas, Bernstein propõe um movimento do NP para núcleos funcionais presentes dentro do DP, no intuito de dar conta da marcação de número. A estrutura do DP proposta por Bernstein é ilustrada abaixo:



É interessante observar que a categoria funcional NumP, na proposta de Bernstein, é descrita como sendo um adjunto de AP, sendo que este último atua como especificador da NumP. O NP eleva-se até NumP, onde recebe número.

Uma outra proposta desta mesma época, surgida no afã de elucidar a concordância no DP, foi a de Picallo (1991). Baseando-se no idioma catalão, e também visando dar conta de

uma explicação para a concordância entre adjetivo e nome, Picallo apresenta uma estrutura de DP esquematizada abaixo :



Picallo descreve a concordância em sua proposta como sendo um processo que consistiria em inserir o nome na derivação sem marcas de gênero e número, para depois elevá-lo até GenP, núcleo responsável pela marcação de gênero. Logo em seguida haveria um outro movimento do nome, desta vez para NumP, para receber número. O traço inovador nesta concepção é o tratamento dado ao gênero, concebido como uma categoria funcional, diferentemente de outras propostas semelhantes.

Ritter (1993) apresenta um modelo de concordância muito próximo ao de Picallo. Porém, diversamente da concepção de Picallo, Ritter (1993), afirma que somente o número possui status de categoria funcional, NumP, sendo atribuído ao Nome no curso da derivação, com o movimento do nome para esta projeção. O gênero, contudo, continua sendo tratado

como um traço formal., sendo atribuído ao nome em um dos núcleos do NP. O estudo de Ritter se baseou em dados do hebraico, comparados às línguas românicas.

As propostas de Picallo (1991) e de Ritter (1991), embora interessantes do ponto de vista da formalização, não se sustentam quando confrontadas com uma análise mais acurada dos dados nos quais ambas se baseiam. Como bem aponta Name (2002), a ideia de Picallo só se realizaria satisfatoriamente se aplicada aos nomes com traço de gênero opcional, fracassando no caso dos nomes com traço de gênero intrínseco, já que sua concepção faz supor que um nome como *mesa* deveria ser alçado para GenP para receber gênero, mesmo sendo este um traço já especificado na entrada lexical de *mesa*.

## 5. Minimalismo

O Programa Minimalista (1995) é uma das mais recentes versões da Teoria Linguística de base gerativa chomskyana. Nele, novamente encontramos inovações no que diz respeito ao mecanismo de concordância, ainda que a concepção de número fique relativamente inalterada. Uma característica mais geral do Minimalismo é que ele não se constitui como um novo modelo teórico da gramática gerativa, mas se assenta fundamentalmente no modelo P&P, propondo uma série de orientações teóricas que visam especificar as condições que a faculdade da linguagem humana deve satisfazer para se desenvolver, bem como determinar as propriedades que esta faculdade deve possuir. A motivação básica do Programa Minimalista é a ideia de que devem ser evitados postulados teóricos não estritamente necessários à teoria, daí o adjetivo “minimalista”.

Dentro do modelo minimalista, as línguas humanas seriam formadas por um sistema computacional e por um léxico. O léxico especifica os elementos que o sistema computacional seleciona e integra para gerar expressões da língua. Pode-se conceber o léxico como o lugar onde estão representadas as propriedades idiossincráticas dos itens lexicais. Um item lexical armazenado no léxico é composto por traços, como, por exemplo, o traço categorial, que indica a que categoria o item em questão pertence (N, A, V, etc.) e os traços de concordância (pessoa, número, gênero) chamados de traços  $\tilde{\phi}$ .

Os traços opcionais de uma ocorrência particular de um dado item lexical, como, por exemplo, um traço de caso acusativo ou número plural, podem ser acrescentados ou no momento em que o item é selecionado para a numeração ou no momento em que é introduzido na

derivação. A especificação de caso e de traços  $\phi$  é em princípio acrescentada a um item lexical (como um nome) provavelmente no momento em que é selecionado para a numeração. Desta forma, na numeração, o caso e os traços  $\phi$  são especificados alguns pela entrada lexical (os chamados traços intrínsecos, como o traço de gênero e o traço categorial) outros pela operação que forma a numeração (os chamados traços opcionais, como o traço acusativo ou de plural).

Traços podem ser interpretáveis ou não-interpretáveis, intrínsecos ou opcionais. Um traço é interpretável quando pode ser lido nos níveis de interface. É intrínseco quando o seu valor já está especificado na entrada lexical e é opcional quando o seu valor varia, sendo especificado quando selecionado para a numeração. A manifestação desta opcionalidade é morfológica tanto nos nomes quanto nos determinantes (presença ou não do morfema de número). No que toca à interpretabilidade, há uma grande discussão a respeito de onde o traço de número deve ser interpretável, ou nos nomes ou em outros itens. Chomsky postula que o traço de número é interpretável somente no nome e não-interpretável nos determinantes (de modo geral, segundo postula o Programa Minimalista, categorias lexicais possuem traços [+ interpretável], ao passo que categorias funcionais possuem traços [- interpretável]), mas existem uma série de evidências empíricas contra esta posição (cf. Magalhães, 2002).

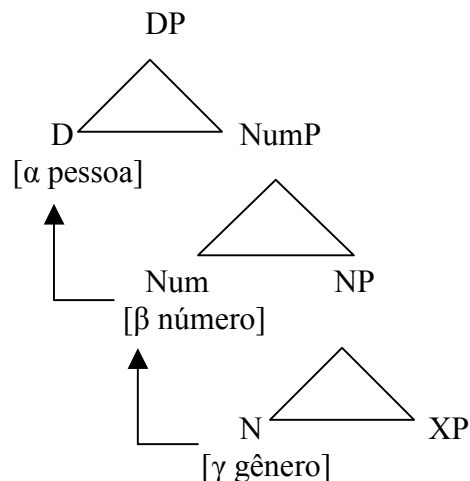
## 6. A Concordância no Programa Minimalista

Mesmo sendo em grande parte uma extensão do modelo P&P, o Minimalismo não pode deixar de repensar alguns dos postulados presentes naquele modelo. Isto é basicamente verdadeiro no caso da concordância, a qual deixou de ser vista como atribuição de traços por categorias funcionais Agr a núcleos lexicais para ela se moviam. Várias foram as razões para se abandonar tal proposta, a mais importante delas o fato de que a postulação de categorias funcionais precisa ser justificada por condições de saída (interpretação fonética ou semântica), e Agr não apresentava propriedades semânticas (cf. CHOMSKY, 1995). No Programa Minimalista, a concordância passou a ser concebida como uma operação de checagem de traços. Nesta concepção, a checagem se dá entre núcleos e seus especificadores. Para checar um traço [- interpretável] seu, um elemento de categoria funcional atrai o núcleo de uma categoria lexical no seu domínio. O núcleo se move para a posição Spec (*Specifier*, especificador) da categoria funcional, checando seu(s) traço(s) [+ interpr] com o(s) traço(s) daquela categoria, que será(ão) apagado(s). Esse apagamento seria motivado, de acordo com o Programa Minimalista, pelo Princípio da Interpretação Plena, o qual exigiria a eliminação

de traços não-interpretáveis nos níveis de interface da língua. Desta maneira, traços [-interpretável] de categorias funcionais seriam pareados com os traços [+interpretável] de categorias lexicais e atraídos, provocando um movimento sintático. Após este processo de concordância haveria a eliminação de traços [-interpretável]. Vê-se, portanto, que traços [-interpretável] precisam ser checados e eliminados, no curso da derivação.

Contudo, haveria uma outra possibilidade de checagem, além da descrita acima. É o caso da checagem entre núcleo e complemento, como é o caso da relação entre Determinante e Nome, a qual ocorreria sem a necessidade de alçamento do nome para a posição de especificador. Chomsky (1999) denomina esta operação de checagem *Concord*, diferenciando-a da concordância com movimento, chamada de *Agreement*.

No tocante a número e à concordância, o Programa Minimalista segue a tradição geral do pensamento de Chomsky, que é a de conceber o número gramatical como um traço formal e a concordância como uma operação sobre estes traços. No entanto, mesmo trabalhos surgidos na esteira do minimalismo tornaram a conceber o número como uma categoria funcional, e a concordância como uma operação de atribuição de traços por esta categoria. Neste linha de pensamento é que se situa o trabalho de Carstens (2000) sobre a concordância no DP. Nele, Carstens postula a existência de uma categoria funcional NumP e uma projeção intermediária Num, situadas entre NP e DP. D possuiria traços de pessoa [+interpretável] e traços de número e de gênero [-interpretável]. Num apresentaria traço de número [+interpretável] e traço de gênero [+interpretável]. É justamente a diferença no valor do traço de gênero de D que provocaria a elevação de N, primeiro para Num, onde teria seus traços checados, e depois para D. O esquema abaixo representa a concepção de Carstens:



## 7. Conclusão:

Neste breve apanhado da história do tratamento linguístico do número gramatical, vimos que as concepções vêm variando significativamente entre dois eixos principais: a ideia de número ou como traço formal ou como categoria funcional. No que toca à concordância, as propostas têm oscilado em torno ou de operações de atribuição de valores de traços por categorias funcionais ou mecanismos de checagem de traços. É possível estabelecer uma relação entre número e concordância, no sentido de que propostas que concebem o número como um traço formal tendem a considerar a concordância produto de operações de checagem (com movimento de núcleos), ao passo que modelos que assumem o número como categoria funcional são mais propensos a formalizar a concordância como atribuição de traços. A verdade é que, se se deseja preferir apenas uma das concepções, em detrimento da outra, mais dados precisam ser analisados, considerando-se uma gama maior de línguas. Acreditamos que só assim se poderá chegar a uma concepção unificada da natureza do número gramatical e da concordância.

## 8. Bibliografia

- ABNEY, S.P. **The English noun phrase in its sentential aspect**. Tese de doutorado. MIT, 1987.
- BERNSTEIN, J. **DP's in french and waloon: evidence for parametric variation in nominal head movement**. *Probus*, 3.2: 101-126
- CARSTENS, V. **Remarks and Replies. Concord in Minimalist Theory**. *Linguistic Inquiry*, 31 (2), 319-355, 2000.
- CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, Noam **Aspectos da Teoria da Sintaxe**. Armênio Amado Editor, 1978
- CHOMSKY, Noam **O Programa Minimalista**. Editorial Caminho, 1999
- NAME, Maria Cristina Lobo **Habilidade Perceptuais e Lingüísticas na Aquisição e Processamento da Concordância de Gênero**. Tese de Doutorado. PUC/RJ: Departamento de Letras, 2002
- PICALLO, C. **Nominals and nominalization in Catalan**. *Probus*, 3, 3, 279-316, 1991.
- RAPOSO, Eduardo **Teoria da Gramática: A Faculdade da Linguagem**. Editorial Caminho, 1999
- RITTER, E. **Where's gender?** *Linguistic Inquiry*, 24, 795-803, 1993.